



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

II Congresso Estadual de Assistentes Sociais do Rio de Janeiro

COMUNICAÇÃO E CONJUNTURA

Breve diálogo sobre a relação entre comunicação e controle no capitalismo tardio

Autor: Jefferson Lee de Souza Ruiz

assistente social

mestre em Serviço Social

Natureza do trabalho: Reflexão teórica

Eixo: Serviço Social e política social

Tema: Comunicação e cultura

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Faculdade de Serviço Social

Telefone: (21) 9 8243 0633

E-mail: leenorio@uol.com.br



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



COMUNICAÇÃO E CONJUNTURA

Breve diálogo sobre a relação entre comunicação e controle no capitalismo tardio

RESUMO

Em 2014, Jonathan Crary aprecia pesquisa que visa se apropriar da “última fronteira para a exploração capitalista”: o sono; e analisa contradições das constantes alterações no campo das comunicações. Em tempos em que o Serviço Social brasileiro relaciona este debate, a conjuntura e nosso exercício profissional, este artigo dialoga com observações de Crary e busca novas pistas para tais reflexões.

Palavras-chave: comunicação; capitalismo tardio; experiências coletivas; sigilo.

ABSTRACT

In 2014, Jonathan Crary appreciates research aimed to appropriate the "last frontier for capitalist exploitation": the sleep; and analyzes contradictions of constant changes in the communications field. At a time when the Brazilian Social Service lists this debate, the environment and our professional practice, this paper discusses Crary's observations and seeks new clues to such reflections.

Keywords: communication; late capitalism; collective experiences; secrecy.

Introdução

O sono é a única barreira restante, a única “condição natural” persistente que o capitalismo não pode eliminar. (CRARY, 2014, p. 84)

Nos últimos seis ou sete anos, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos vem destinando enormes quantias de dinheiro para estudo dos pardais de coroa branca. Esta espécie de pássaros, ao migrarem entre sul e norte ao longo do ano,



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



demonstra uma capacidade incomum que chamou atenção do governo: conseguem permanecer acordados por até sete dias durante a migração. Daí a imaginar a adaptação destas potencialidades para seres humanos, exércitos e força de trabalho¹ que atuam ininterruptamente, ampliando a possibilidade de extração de mais-valia, foi apenas um passo. As principais pesquisas a respeito vinham sendo realizadas em universidades de Madison, no estado de Wisconsin. As informações são todas de livro publicado recentemente no Brasil, de autoria de Jonathan Crary (2014).

Dentre as análises do autor, em que preponderam perspectivas e referências marxistas e marxianas, encontram-se impactos já em curso sobre o funcionamento dos seres humanos ao longo dos dias (e das noites). Mensagens de celular, redes sociais, autodisponibilidade para abrir campos que antes eram da esfera exclusivamente privada (como a própria vida pessoal) passam a fazer parte do cotidiano de bilhões de pessoas. Em tempos de crise capitalista, que autores como Mézáros (2015) e Wallerstein (2011) chegam a interpretar, por distintas vias, de terminal², a busca por novos padrões de trabalho, extração de valor, lucratividade e disponibilidade para tais processos se torna uma constante.

No campo da comunicação, além do que Eco (GIRON, 2012) denominou de “ditadura do excesso”, tais constatações provocam fissuras ou mesmo enormes buracos em teorias que veem o avanço das tecnologias de comunicação unicamente como um processo democrático em curso, sem considerar as inúmeras contradições advindas do processo dialético que caracteriza a vida em sociedade (MARX, 2008; KONDER, 2012).

Transformações de tamanho alcance não se limitam à reorganização da produção de mercadorias. Têm impactos sobre o comportamento humano; sobre o exercício de profissões, mesmo as não industriais; sobre a possibilidade e o formato

¹ Além, obviamente, de consumidores que compreem ininterruptamente.

² Dentre as observações de Mézáros encontra-se o papel exercido pelo Estado nas sociedades divididas em classes. Segundo ele, o tempo disponível da humanidade (aquele que não se dedica a processos de expropriação e dominação que geram o trabalho excedente) só pode ser liberado com o fim do Estado, sendo esta a difícil, enorme e complexa montanha a escalar e conquistar. Wallerstein aponta como uma de suas análises centrais o processo de desruralização do mundo, que amplia as dificuldades do capital de encontrar populações dispostas a extrações de mais-valia sem reações coletivas expressas em diversas lutas. Por vias distintas, parece-nos que há diálogo possível entre ambos e as observações de Crary quanto a um mundo (e pessoas) que funcione(m) vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana em função da acumulação capitalista.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

de organizações coletivas; sobre demandas como privacidade, que – uma vez derrocada pela lógica que Crary denomina 24/7³ – pode ressignificar debates como sigilo profissional e sobre a inviolabilidade de informações sobre a vida das pessoas, inclusive a da população que acessa políticas sociais.

Este artigo, assim, tem por objetivo, ao dialogar com as impactantes informações e afirmações de Crary, relacioná-las com outros autores e experiências, além de inter-relacioná-las com debates em curso no Serviço Social brasileiro acerca da importância da comunicação para a conjuntura contemporânea e para processos que envolvem o exercício profissional de assistentes sociais. Ele será subdividido em três seções: reflexões sobre a centralidade da comunicação; comunicação e processos de organização coletiva; comunicação e sigilo.

Reflexões sobre a centralidade da comunicação

A partir de 2009, uma coletânea de textos de assistentes sociais, jornalistas e outros interessados em comunicação (SALES & RUIZ, 2009) cumpriu um interessante papel no âmbito do Serviço Social brasileiro: a busca por aproximar reflexões sobre mídia, questão social e a própria profissão. Um dos artigos desta coletânea se inicia com reflexões acerca da importância da comunicação no século XXI (RUIZ, 2009). De lá para cá, embora passados apenas sete anos, muitas são as alterações no campo das tecnologias de informação e comunicação. Algumas delas – e dos novos desafios que geram – são apontadas pela obra de Crary.

Processos que já se encontravam em curso desde o advento da internet são potencializados. A ampliação de sua disponibilização em aparelhos de menor tamanho e que podem ser acessados a qualquer momento e local, como celulares e *smartphones* altera o contato com estes instrumentos. Sua assimilação é rápida, o que por vezes pode levar a assumir papéis e comportamentos inicialmente pensados para a produtividade contínua das próprias máquinas na lógica dos 24/7:

³ Vinte e quatro horas por sete dias semanais. Este seria o horizonte que o capital teria que buscar na produtividade de pessoas. Crary chama atenção para o fato de que já empresas funcionando em escalas sem quaisquer interrupções há várias décadas. O tempo do ser humano (especialmente o sono), afirma, é o próximo alvo.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Pesquisas recentes mostram que cresce exponencialmente o número de pessoas que acordam uma ou mais vezes durante a noite para checar mensagens ou informações. Uma figura de linguagem recorrente e aparentemente inócua é o “*sleep mode*”, inspirada nas máquinas. A ideia de um aparelho em modo de consumo reduzido e de prontidão transforma o sentido mais amplo do sono em uma mera condição adiada ou diminuída de operacionalidade e acesso. (CRARY, 2014, pp. 22-23)

Tais mensagens e informações não têm relação única e exclusiva com aspectos da vida particular de cada internauta. Tal lógica já foi apropriada por empresas e instituições, e também por trabalhadores e trabalhadoras, que esperam disponibilidade imediata para resolução rápida de demandas que, outrora, não seriam sequer qualificadas como emergenciais.

Fácil perceber o quanto esta característica da prontidão ininterrupta e constante é funcional à lógica do capital. Mas não apenas ela: o controle de onde e quando se encontram as pessoas, se estão ou não disponíveis, além da necessidade de geração de novos espaços de lucratividade e valor são objetivos que passam a ser colocados no horizonte da vida e do trabalho:

A maioria dos conceitos historicamente acumulados do termo “observador” é desestabilizada sob tais condições: isto é, quando atos individuais de visão são interminavelmente solicitados e convertidos em informações que *tanto* serão utilizadas para o aprimoramento das tecnologias de controle *quanto* virarão uma forma de valor excedente em um mercado baseado na acumulação de dados sobre o comportamento do usuário. (CRARY, Idem, p. 56, grifos originais)

A observação a que se refere Crary tem seu conteúdo alterado mesmo em ações involuntárias, que não preveem disponibilização de dados, preferências, predileções e necessidades pessoais. Contudo, tais processos são captados pelas tecnologias e transformados em publicidade e formas de busca de convencimento a novos consumos. Quem já fez a experiência de consultar preços de passagens aéreas em quaisquer páginas de busca, ou mesmo de companhias que oferecem este serviço, pode ter se surpreendido posteriormente, quando a rota consultada passava a ser oferecida a qualquer acesso a suas mensagens pessoais, em e-mails que não necessariamente são do mesmo provedor ou do mesmo endereço que o da consulta



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



inicial. O mesmo ocorre com outros diversos produtos. Ou seja, a própria observação involuntária passa a ser objeto de ação comercial pela via eletrônica⁴.

No que se refere à lucratividade para o capital, o autor destaca a profunda atualidade de uma categoria marxiana:

Apesar das críticas de que foi alvo nas últimas décadas, é óbvia a importância do conceito de reificação, ou qualquer abordagem a ele relacionada, para a compreensão do capitalismo global e da cultura tecnológica. De um ponto de vista marxista ou não, não há como ignorar o quanto a internet e as comunicações digitais se tornaram o motor da financeirização e mercantilização implacáveis de um número cada vez maior de esferas da vida individual e social, criando um campo de condições marcadamente diferentes das décadas passadas. (CRARY, pp. 108-109)

Eco (Idem)⁵, muito antes do advento de tais processos, já chamava atenção para outro impacto sobre nossa capacidade de comunicação e de leitura do mundo. Se as ditaduras, em geral, se caracterizam por limitações à circulação de opiniões distintas e/ou mesmo de informações sobre processos governamentais, econômicos, de políticas públicas, o excesso também pode resultar na mesma ignorância⁶. Diante de tantas informações disponíveis, a demanda por agilidade na apreensão do maior quantitativo possível de dados acaba por desprestigiar a busca por conteúdo analítico. Qualquer educador pode depor sobre a dificuldade encontrada atualmente com a leitura de textos mais longos, sejam eles formatos analíticos, de romances, de poesias

⁴ Importante destacar que vários destes processos guardam, em si, níveis de contradição. A possibilidade de aquisição de insumos básicos para a vida, como a própria alimentação, via cartões, dispensando em parte significativa as transações com cédulas de papel, pode significar ganhos para a própria pessoa que deles faz uso. Por exemplo, a possibilidade de carregar consigo menos dinheiro. Ou de reduzir o tempo gasto em agências bancárias. *Simultaneamente*, possibilita que empresas tenham noções precisas de padrões de consumo e compras. Ao mesmo tempo, permite ampliar lucros de redes de produtos como lojas e supermercados, ao passo que também gera novos padrões de produção. Só se gera mercadorias que têm expectativa de efetiva circulação. Em economias profundamente destrutivas da natureza, estes aspectos não são de todo ruins, embora não possamos deixar de perceber que sua lógica não tem a natureza como preocupação central, mas, sim, a lucratividade e a geração de valor de maneira mais segura e racional.

⁵ Eco não se referia à internet, mas aos jornais dominicais, e à quantidade de páginas e informações que costumam oferecer. Para o autor, o domingo era dia de receber não um jornal “diário”, mas “semanário”, posto que o tempo médio para conseguir ler do início ao fim as dezenas de páginas e processar o que se transmitia dificilmente cabe no tempo de um dia.

⁶ Exemplo recente tem sido a iniciativa de algumas metrópoles de redução drástica da poluição visual gerada por cartazes, outdoors, letreiros e outras formas de publicidade. É impressionante visitar estes locais antes e depois da aplicação de tais restrições. Ângulos e informações visuais que não eram anteriormente captadas pelo olhar passam a surpreender quem por elas transita.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

ou outros. A comunicação imediata é pautada, particularmente nas novas gerações, pelo resumo do resumo, a mínima quantidade de caracteres para, em tese, transmitir conteúdos. O resultado é a profunda banalização da comunicação, que passa a não dizer nada. Sem que o percebamos,

A quantidade inimaginável de informação disponível pode ser aplicada e organizada a serviço de qualquer coisa, pessoal ou política, não importa se aberrante ou convencional. Graças às possibilidades ilimitadas de filtragem e personalização, indivíduos fisicamente próximos podem habitar universos incomensuráveis e sem comunicação. No entanto, a grande maioria desses micromundos é, apesar de seus conteúdos manifestamente diferentes, monotonamente semelhante em seus padrões e segmentações temporais. (CRARY, 2014, p. 62)

Os processos de padronização de comportamentos – anteriormente já observados por outros autores em estruturas físicas que dão lugar a centros de compra pelo mundo todo, os *shopping centers*, semelhantes em qualquer lugar do mundo – é assimilado novamente sem percepção e/ou crítica mais atenta de seus resultados. A diversidade humana, característica fundamental para a produção de sociabilidades e de avanços coletivos, vai sendo eliminada aos poucos.

Em nossa perspectiva, não pode se tratar de um processo de negação da presença significativa que tais mecanismos passaram a ter em nossas vidas. Há avanços da ciência e da tecnologia que vêm para ficar. Este texto está sendo digitado em um *laptop* (que logo, certamente, será equipamento tão ultrapassado quanto são as antigas máquinas datilográficas, que as novas gerações talvez sequer conheçam). Parte importante das descobertas humanas responde a necessidades que nós, seres humanos, somos capazes de criar, reconhecer e buscar satisfazer, em processo ininterrupto e dialético que, afinal, mantém a humanidade em curso. O que ainda é necessário aprofundar, contudo, é a percepção do quanto determinadas ações, uma vez apropriadas pela lógica do capital e do lucro, rumam em sentido oposto ao da possível e necessária emancipação da humanidade. O que nos leva à próxima seção deste artigo.

Comunicação e processos de organização coletiva



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

Organização coletiva pode se relacionar com aspectos que dizem respeito a encontros familiares, a formas de sociabilidade, à utilização do tempo livre em espaços coletivos de diversão e outras expressões. No que tange a este artigo, contudo, o principal olhar será sobre processos de mobilização em torno de demandas sociais que são reconhecidas como importantes para classes ou segmentos de classe (RUIZ, 2015). Esta é uma das polêmicas mais candentes e atuais no campo de quem debate comunicação. Quais seriam, efetivamente, os limites potencialmente libertários de fenômenos como redes sociais, ciberespaços, *blogs* e similares?

No século XXI, em quaisquer locais de concentração coletiva, é interessante notar que quase qualquer intervalo de tempo leva inúmeras pessoas ao celular. Tal comportamento é perceptível em locais onde nos encontramos com poucos conhecidos (lares, bares, salas de aula, transporte público, restaurantes) ou com grandes quantidades de pessoas (parques, shows e, mesmo, assembleias de trabalhadores, passeatas, mobilizações).

Quando há atrasos ou intervalos de tempo vazio, raramente são aberturas para a deriva de consciência, na qual ficamos livres dos constrangimentos e demandas do presente imediato. Há uma incompatibilidade profunda entre qualquer coisa que se assemelhe ao devaneio e as prioridades de eficiência, funcionalidade e velocidade. (CRARY, 2014, p. 98)

Este não é um processo que ocorre, contudo, apenas com as novas tecnologias de comunicação. É possível constatá-lo já no advento do rádio, meio de comunicação que além de tornar sua programação parte de nossa vida diária posterior (comentários esportivos, notícias, informações sobre celebridades, novelas, séries), teve como sua “(...) mais profunda mudança (...) privatizar e estruturar a vida de acordo com um horário rigoroso, que daí em diante governou não apenas a esfera do trabalho, mas a do lazer” (HOBSBAWM, 1995, p. 195). E estamos falando do início do século passado. A miniaturização de produtos de comunicação (dos rádios aos discos e computadores – podemos acrescentar os telefones), que possibilitam portá-los em quaisquer espaços, foi algo que se construiu ao longo do século XX (HOBSBAWM, *Idem*, p. 261).

Os efeitos da televisão não seriam menores: “(...) a televisão tornava desnecessário ir ao jogo de futebol, do mesmo modo como TV e vídeo tornaram desnecessário ir ao cinema, ou os telefones substituíam as fofocas com amigos na



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



praça ou na feira” (HOBBSAWM, Idem, p. 301), no que o autor classifica como privatização da vida pela tecnologia do dinheiro e pela lógica do mercado. Mesmo as mobilizações coletivas sofreram consideráveis impactos:

Os sindicalistas ou membros de partidos que outrora iam às assembleias locais ou reuniões políticas porque, dentre outras coisas, isso era também uma espécie de diversão ou entretenimento agora podiam pensar em formas mais atraentes de passar o tempo, a não ser nos casos excepcionais dos militantes. (Por outro lado, o corpo-a-corpo deixou de ser uma forma efetiva de campanha eleitoral, embora continuasse a ser feito, por tradição e para animar ativistas de partido cada vez menos típicos.) – Loc. Cit.

Crary afirma que reorganização e alteração do tempo geradas pela televisão sobre a atividade humana tiveram poucos precedentes históricos:

No intervalo de menos de quinze anos, populações inteiras foram colocadas em um estado prolongado de relativa imobilidade. Centenas de milhões de indivíduos subitamente começaram a passar muitas horas do dia e da noite sentados, mais ou menos estáticos, na proximidade de objetos reluzentes, iluminados⁷. Toda a miríade de formas de passar, usar, desperdiçar, aguentar ou dividir o tempo antes da televisão foi substituída por modos mais uniformes de duração e por um estreitamento da capacidade de reação sensorial. A televisão trouxe mudanças igualmente importantes para o mundo social externo e para a paisagem psíquica interna, revolvendo as relações entre esses dois polos, causando um imenso deslocamento da práxis humana a um leque muito mais circunscrito e invariável de relativa inatividade. (2014, p. 90)

Adiante (p. 91) o autor relaciona esta realidade com aspectos como sedentarismos e lucratividade capitalista: “Apesar de não haver trabalho físico, é um arranjo no qual a administração dos indivíduos coincide com a produção de valor excedente, uma vez que a nova acumulação foi impulsionada pelo tamanho da audiência”⁸.

⁷ Em 2014 o brasileiro passava, em média, quatro horas e 31 minutos/dia nos dias de semana e quatro horas e 14 minutos aos sábados e domingos em frente à televisão. Este tempo só é menor que o gasto com internet (quatro horas e 59 minutos por dia usando a *internet* durante a semana e quatro horas e 24 minutos/dia nos fins de semana), embora ainda se indique que o principal meio de informação permanece sendo a televisão, seguida do rádio e, em terceiro lugar, a *internet*. Cf. Lourenço, 2014.

⁸ É possível utilizar outro exemplo nacional, o do financiamento público dos meios de comunicação. Embora haja grande questionamento dos movimentos pela democratização da comunicação sobre este critério, os governos (especialmente o federal) costumam apostar em publicidade nas redes de maior audiência e revistas de maior circulação. Exatamente aquelas que têm, na conjuntura recente no país, tomado posturas parciais que as levam a serem qualificadas por militantes de Partido da Imprensa Golpista (cf., por exemplo, o blog www.conversaafiada.com.br).



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

Para Crary, a televisão iniciou o processo que seria estendido a uma gama maior de aparelhos de comunicação. Sua utilização passou a fazer parte de “estratégias mais amplas de poder, nas quais o objetivo não é o engano em massa, mas antes estados de neutralização e inatividade, nos quais somos destituídos do tempo” (Idem, p. 97).

Mas uma das mais instigantes proposições de Crary diz respeito a como setores democráticos e progressistas têm interpretado a utilização das novas tecnologias. Haveria certa ingenuidade, caso não se atentasse para os processos de fundo que circundam os meios de comunicação: “mesmo em repetições habituais permanece um fio de esperança – uma esperança sabidamente falsa – de que um clique ou um toque a mais possa dar acesso a algo que nos libertaria da monotonia insuportável em que estamos imersos” (Loc. Cit.). O presentismo que caracteriza os discursos pós-modernos também teria sua presença, impedindo qualquer tipo de introspecção em “intervalos de horas lentas ou vazias (...): esperar enquanto algo carrega ou conecta se tornou intolerável” (Idem, p. 98).

Mas o autor não se limita a instigar reflexões sobre aspectos da vida e do comportamento individual de cada sujeito envolto com as novas tecnologias. O faz, também, em relação às mobilizações:

Agências de polícia de ordem global só podem agradecer a preferência dos ativistas pela concentração de sua organização em torno de estratégias ligadas à internet, por meio das quais *voluntariamente* se arrebanham no ciberespaço, onde vigilância estatal, sabotagem e manipulação são mais fáceis do que nas comunidades e localidades reais onde encontros reais acontecem. Se o objetivo é a transformação social radical, *as mídias eletrônicas em sua forma atual, amplamente disponíveis, não são inúteis – mas apenas quando são subordinadas a lutas e encontros que ocorrem em outro lugar.* Se as redes não estão a serviço de relações já existentes, forjadas a partir de experiências e proximidade compartilhadas, apenas reproduzirão e reforçarão as segregações, a opacidade, as dissimulações e o interesse próprio inerentes ao seu uso. Qualquer turbulência social cujas fontes primárias estejam no uso de mídias sociais será, de modo inevitável, historicamente efêmera e inconsequente. (Idem, p. 130, grifos nossos)

Crary vai além, afirmando que “o mais importante, talvez, é que 24/7 causou a atrofia da paciência e a deferência individual que são essenciais a qualquer forma de democracia direta: a paciência de escutar os outros, de esperar nossa vez de falar” (Idem, p. 133). O crescimento da intolerância em redes sociais, blogs e espaços próprios da internet parecem confirmar a impressão do autor.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



É fato que mídias sociais e internet vêm sendo utilizadas com grande criatividade por movimentos de contestação. Petições eletrônicas, eventos, disponibilização de conteúdo em vídeo e outras formas não podem ter sua contribuição completamente desconsiderada. Eles têm tido papel central para mobilizações locais, por exemplo, que não se conectariam a processos mais amplos de questionamento à sociedade do capital com a mesma agilidade caso estas iniciativas não fossem adotadas. Mas, em nossa perspectiva, há que se concordar com o autor que elas têm sentido se expressam lutas reais, concretas, materialmente existentes. O que descredencia, por exemplo, a possibilidade (crescente na reivindicação de setores cuja participação social é tímida ou inexistente) de que a internet seja o espaço de discussão e, fundamentalmente, de deliberação de táticas e estratégias de lutas diversas.

Comunicação e sigilo

Se nos atentamos para o fato de que se trata de alterações de grande monta, com marcas certamente históricas na humanidade, uma consequência desta constatação é prestarmos atenção a como elas podem impactar processos para os quais não foram necessariamente pensadas. Ao questionar o interesse pelo sono como um dos últimos bastiões a ser desbravado pelo capital (“o sono é uma interrupção sem concessões no roubo de nosso tempo pelo capitalismo”, afirma, à p. 20), Crary nos lembra como fome, sede, desejo sexual e mesmo amizade foram transformados em mercadorias e/ou investimentos. A invasão da esfera particular da vida das pessoas segue a pleno vapor, como nos mostra o coletivo francês Tiquun:

(...) nós nos tornamos habitantes inócuos e flexíveis das sociedades urbanas globais. Mesmo na ausência de qualquer compulsão, escolhemos fazer o que nos mandam fazer; permitimos que nossos corpos sejam administrados, nossas ideias, nosso entretenimento e todas as nossas necessidades imaginárias nos sejam impostos de fora. Compramos produtos que nos foram recomendados pelo monitoramento de nossas vidas eletrônicas, e voluntariamente deixamos feedbacks para outros a respeito do que compramos. Somos o sujeito obediente que se submete a todas as formas de invasão biométrica e de vigilância. (CRARY, 2014, p. 68⁹)

⁹ Citação feita a Tiquun, *Théorie Du Bloom*. Paris: La Fabrique, 2004.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

Isto ocorre com nossa vida cotidiana. Se “o cotidiano era o conjunto dos hábitos diários pouco notados, onde permanecíamos anônimos” (idem, p. 80), atualmente comemoramos expor aspectos banais de nossos contatos diários, na ilusão de que isso fortalece relações, amizades, considerações positivas que possam ter a nosso respeito. Um comportamento que expressa este fenômeno é, hoje, visto entre pessoas de distintas idades (mas, em especial, adolescentes e jovens) que, a cada local que estão ao longo do dia, o informam a todos por suas páginas em rede social – os aparelhos têm dispositivos que localizam e apresentam tal informação, acompanhada de um mapa, para caso alguém não saiba se localizar... Para constatar a relação com o mundo comercial, basta verificar o nome que se dá a tal procedimento: “Estou fazendo *check-in*”, é a frase com as quais explicam a providência.

Alguém talvez diga que aquilo que constitui a vida cotidiana se reinventa continuamente, florescendo hoje em áreas específicas de interação e expressão online. No entanto, se aceitamos que uma noção significativa de vida cotidiana é inseparável de seu anonimato fugidio, é difícil entender o que isso poderia ter em comum com um tempo no qual nossos gestos são todos gravados, permanentemente arquivados e processados com o objetivo de predeterminar nossas escolhas e ações futuras. (CRARY, 2014, p. 86)

Um dos comportamentos éticos centrais previstos para assistentes sociais que atuam no Brasil é a preservação do sigilo. Embora seja algo presente no discurso profissional com bastante constância, entidades da categoria têm buscado aprofundar aspectos conceituais e, mesmo, operativos do debate sobre o sigilo¹⁰.

No Código de Ética aprovado em 1993, ele é simultaneamente previsto como direito e dever profissional, sempre na defesa de interesses que, em última instância, preserve interesses de usuários e usuárias dos serviços. Ainda que mantida esta perspectiva (o que ainda nos parece correto), e independente de entendermos o sigilo como segredo ou como opção ética e política (Cf. BARROCO; TERRA, em CFESS, 2012; e SOUSA, 2013), há uma tendência posta pela materialidade real da vida na contemporaneidade que pode fazer com que tais reflexões e debates sejam vistos

¹⁰ Em 2016 há previsão de realização de um seminário nacional para debate do tema, que deve ocorrer no segundo semestre, anteriormente ao Encontro Nacional CFESS/CRESS, a ser sediado em Cuiabá (MT). Alguns estados, a exemplo do Rio de Janeiro, organizaram eventos em 2015 com o propósito de fazer a mesma reflexão.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

pelos próprios sujeitos que acessam nossos serviços como anacrônicos. Expor dados e informações de suas vidas “virou moda”. Divulgar o que faz, pensa, com quem está, onde circula, com quem se organiza são elementos hoje comuns. Denunciar serviços, expressar divergências profissionais, anunciar suas insatisfações aos quatro ventos são apenas consequências. Privacidade vai se tornando algo estranho à sociabilidade contemporânea.

Como vimos, tal comportamento pode ser utilizado para interesses que não expressam perspectivas libertárias. Aliás, já vêm sendo, efetivamente: basta lembrar acusações contra jovens que se organizaram durante as mobilizações de 2013 no estado do Rio de Janeiro, quando supostas “provas” de “formação de quadrilha” foram obtidas a partir de seu diálogo *online*.

Ainda no que se referem ao sigilo profissional, outras demandas já fazem parte do cotidiano profissional a partir da evolução de processos comunicacionais. Um dos temas que mais vêm sendo provocados é o do registro eletrônico de dados sobre o atendimento de pessoas que acessam serviços. Novamente comparece, com força, um processo altamente contraditório. É fato que registros profissionais próprios compor prerrogativas que defendam a qualidade do exercício profissional, posto que profissionais que podem ter contato com tais anotações não têm o mesmo domínio técnico e/ou formação¹¹ para lidar ética e competentemente com tais informações. Por outro lado, ter a possibilidade de uma informação acessível e mais global sobre cada sujeito no momento em que somos demandados a contribuir para a satisfação de Seus interesses pode ser um instrumento de trabalho fantástico em potencial. Como lidar com processos desta monta e manter os interesses de quem atendemos em primeiro plano é algo a ser refletido e, quiçá, atualizado. Um debate que já fazemos – da necessidade de apreensão coletiva, de cada profissional envolvido, independente de suas atribuições e/ou formações, acerca de suas responsabilidades éticas – começa a ter seu maior aprofundamento reclamado com urgência.

¹¹ Também no que se refere à formação profissional é preciso ter atenção para não absolutizá-la. Esta postura pode nos levar a desconsiderar que as profissões, tais como foram criadas e consolidadas, bem como as áreas de formação em nível superior (e os decorrentes “especialismos” daí decorrentes) servem sobremaneira à lógica que o capital pensa para o mundo do trabalho, seja na indústria, na educação, na organização de serviços públicos e em outras diversas áreas. A respeito, sugerimos a leitura de Wallerstein (2007), além da ampla bibliografia sobre a história do Serviço Social brasileiro.



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

Conclusão

Como muitos já notaram, a forma que a inovação assume no capitalismo é a simulação contínua do novo, enquanto as relações de poder e de controle permanecem, na prática, as mesmas. (CRARY, 2014, p. 49)

Temos afirmado que qualquer processo de efetiva transformação social na atualidade não se faz sem um debate atento e qualificado sobre a dinâmica da comunicação na sociedade capitalista contemporânea. Isto vale para as perspectivas revolucionárias, que permanecem na aposta da possibilidade e viabilidade da efetiva emancipação humana, em uma sociedade sem classes e sem quaisquer formas de exploração e/ou opressão. O que inclui nossa profissão, na perspectiva hegemônica no Brasil e em disputa em outros países mundo afora.

Persistir na batalha por ampliar o debate e uma apropriação crítica e mais profunda sobre a comunicação no âmbito do Serviço Social brasileiro é tarefa que permanece atualíssima.

REFERÊNCIAS

CFESS – Conselho Federal de Serviço Social (Org.). Código de Ética Do/a Assistente Social Comentado. São Paulo: Cortez, 2012.

CRARY, Jonathan. **24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GIRON, Luís Antônio. “O excesso de informação provoca amnésia”. In **Observatório da Imprensa**, 03/01/2012. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed675-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia/>, acesso em mar/2016.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos – o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

LOURENÇO, Luana. Brasileiro passa mais tempo na internet do que vendo TV. In **EBC Agência Brasil**, 19/12/2014. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-12/brasileiro-passa-mais-tempo-na-internet-que-vendo-tv>, acesso em fev/2016.

MARX, Karl. **O Capital – crítica da economia política**. Livro 1, volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar**. São Paulo: Boitempo, 2015

RUIZ, Jefferson Lee de Souza Ruiz. Comunicação como direito humano. In SALES, Mione Apolinário & RUIZ, Jefferson Lee de Souza. **Mídia, questão social e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2009.

SALES, Mione Apolinário & RUIZ, Jefferson Lee de Souza. **Mídia, questão social e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2009.

SOUSA, Charles Toniolo de. Reflexões sobre ética e sigilo profissional. **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**. CFESS/ABEPSS/ENESSO/CRESS-SP: Águas de Lindoia (SP), 2013.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu: a retórica do poder**. São Paulo: Boitempo, 2007.